

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

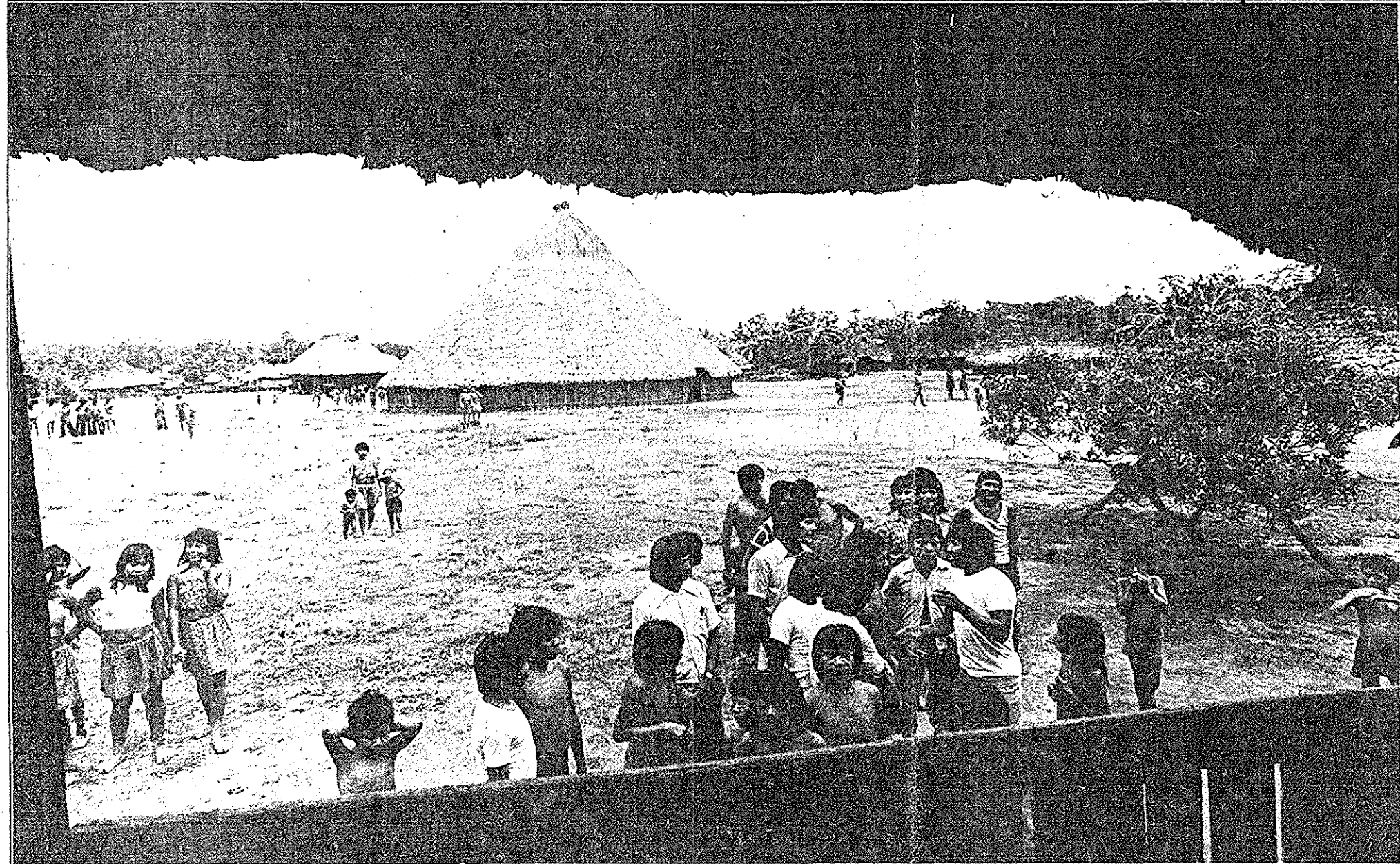
Fonte: Jornal da Tarde Class.: salesianos 683
 Data: 12.12.80 Pg.: 10, 11

190 No meio da selva, com os índios e os padres.



Foto de Sidney Corrêa

Percorrendo quilômetros de rios e trilhas desconhecidas, os padres salesianos fazem seu trabalho: levar a civilização até o índio, através do estudo, das novas técnicas, dos recursos do progresso. Tentando fazer com que a civilização chegue até o índio bem devagar, para que ela não o atropele. E procurando manter sua cultura intacta. Páginas 10 e 11.



Um mês de viagem em barco: a distância de algumas missões até Manaus



Os grupos civilizados: vestidos, e em habitações familiares.



As meninas: com dez anos, o casamento.



Aspirar o epená, arma contra espíritos.



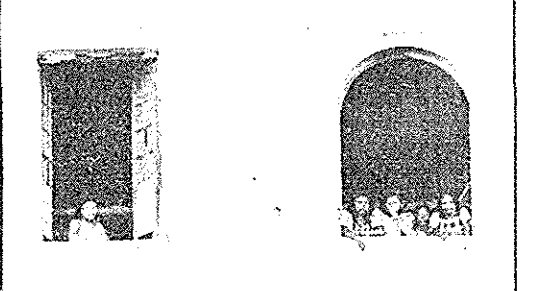
Orientação: tentar mudar apenas o errado.



Para as crianças, religião e civismo.



Na convivência com índios, o aprendizado.



A aculturação começou há muitos anos



A procura dos índios

Na região das missões salesianas

No trabalho dos missionários salesianos, o ensino — novas técnicas, aulas, cooperativas, o progresso com a permanência na terra — e o aprendizado — história, costumes, lendas — vivem juntos diariamente.

... nha de sua condição e quer progredir cada vez mais". E o estudo, explica, dará condições para isso. Por esse motivo é que dom Miguel, ouvindo certa vez críticas ao trabalho dos salesianos, respondeu: "Vocês chegaram tarde demais".

O prelado do Rio Negro não acredita na felicidade do "homem selvagem", como foi imaginado por Rousseau. Fala que quem acha isso é "porque nunca veio aqui para ver o que são as doenças, as brigas". Também é contra os parques indígenas, que considera uma forma de discriminação. "Tem muitos ali — prossegue — que nem são índios, mas que se vestem como tais quando chega o branco, para tirar dinheiro dele."

Antes de vir ao Brasil, ainda jovem, dom Miguel imaginava os índios brasileiros como cavaleiros e amazonas vagando pelo mundo — enfim, a visão fantástica de bravos e ferozes guerreiros. Ele conta essa história procurando mostrar a diferença que pode haver entre a teoria e a prática. Esse é o perigo que ele vê no enfoque de alguns estudiosos preocupados com o problema do índio. "Final, a Antropologia é uma ciência nova", afirma o bispo. E em seguida apresenta dois exemplos recentes envolvendo cientistas e índios.

Cientistas e índios

Um antropólogo americano veio ao Brasil e passou a viver junto a uma tribo na região do Apurí. Preocupado em analisar o comportamento dos índios, em certa ocasião ele teria oferecido caxiri a eles. Não demorou muito estava todo mundo brigando e quando tudo terminou cada um foi para um lado. A tribo se separou. Dias depois o antropólogo foi embora, mas, segundo o prelado, "em alguns dias ele tinha conseguido estragar o trabalho de vários anos feito pelos missionários e pela Funai".

O outro episódio ocorreu em Nova Fundação, na tribo dos Peonás. Foi para lá um antropólogo branco, adpeto do naturalismo, que começou a andar nu junto aos índios. Conta dom Miguel que os homens da tribo expulsaram o estudioso, com medo de que a cor clara de sua pele despertasse o desejo de suas mulheres.

Por ocasião de um desses episódios, a irmã Dária Moratelli, da missão de Pari-Cachoeira, estava presente. Irmã Dária acha que o diálogo que ouviu ajudou-a muito a compreender o temperamento do índio: um antropólogo começou a fazer perguntas a um tuxaua sobre os segredos mais íntimos de seu povo, insistindo muito. Em dado momento o chefe teria respondido, visivelmente irritado: "Eu não abro a minha alma nem para os meus filhos, por que iria fazer com o branco?".

Mesmo os salesianos acreditam ser passíveis de erros no relacionamento com os índios. Tanto assim, fala dom Miguel, que está marcada para o próximo mês uma reunião de todos os missionários para a discussão de algumas mudanças. Uma das medidas praticamente certa, adianta a irmã Dária Moratelli, será restringir as aulas das nas missões até o nível de 5ª série — a exceção será São Gabriel, que continuará oferecendo até a 8ª série. Há um consenso sobre essa necessidade, explica:

— Nós percebemos que nesses povoados mais isolados é um erro avançar muito no estudo, porque ao terminar o aluno se acha auto-suficiente, começa a contestar a autoridade do chefe. Além disso, terá por volta de

18 anos e, em vez de casar, ficará pensando em abandonar a tribo e partir para Manaus.

No processo de convivência com o índio vão aparecendo outras mudanças que se tornam necessárias. Até o ano passado, por exemplo, os alunos das missões não eram obrigados a frequentar aulas de catecismo. Este ano, diz irmã Dária, essa liberdade foi abolida a pedido dos pais das crianças e dos chefes de tribo: "É porque os meninos voltavam para a casa e não queriam participar das missas, dando mau exemplo para os outros e tirando a autoridade do chefe". Agora são obrigatórias a participação em atos religiosos, no domingo, e atividades cívicas, no sábado, segundo a irmã.

Um exemplo do sentimento de independência do índio, a missionária encontrou na própria missão de Pari-Cachoeira, onde se lê em uma fachada interna "Aqui se aprende a amar a Deus e a servir a Pátria". É o caso da cooperativa dos índios que os salesianos ajudaram a fundar: depois que se acharam capazes de tocar o negócio sozinhos, "eles começaram a evitar os padres, demonstrando desconfiança e auto-suficiência".

Mas a cooperativa vai bem: anualmente produz uma média de 250 panetões (sacos de 24 quilos) de farinha de mandioca e a colheita de arroz, a primeira que se faz, deverá render este ano quase uma tonelada. A cooperativa serve quase 2.800 pessoas dos 48 povoados em torno de Pari-Cachoeira e é dirigida pelo capitão (nome dado aos chefes de tribos nessa área) Henrique Castro. Os associados vendem o que produzem à cooperativa, que se encarrega de mandar um barco a São Gabriel buscar produtos industrializados: óleo, sabão, anzóis, munição, etc.

A iniciativa já teve seus primeiros resultados, embora parciais. Conseguiu diminuir a dependência que eles tinham antes do "regatão" para se abastecerem de gêneros essenciais. Mas não a eliminou, porque o comerciante branco se aproveita para atravessar suas mercadorias entre o intervalo das viagens do barco da cooperativa, feitas mensalmente. Então, uma saca de sal que custa Cr\$ 300,00, em São Gabriel, acaba saindo por Cr\$ 900,00 para o comprador.

Os salesianos de Pari-Cachoeira encontram alguma dificuldade para desenvolver uma ação mais efetiva junto aos 48 povoados: há ainda muitos grupos nômades e que resistem ao contato com o civilizado. Buscar aproximação com eles é um trabalho do padre Norberto, um missionário austríaco. Ele sai diariamente pela manhã, sozinho em seu barco, e vai passando pelas malocas (habitações coletivas) dos índios, na tentativa de ganhar sua amizade — diz padre Norberto que eles são receosos e muito tímidos. E assim vai vivendo como o índio: se comem larvas de bicho-da-seda no lugar, ele também come.

No estágio atual, é muito comum padre Norberto encontrar tribos ainda primitivas, onde não existe o costume de se vestir. Naquele estado primitivo, conta ele, "os índios não precisam usar roupas, mas diante do branco sente-se envergonhado. Então, quando encontram um civilizado, vão logo arrancando um pedaço de tecido e chegam até a pedir roupa, que tocamos por algum artesão que fabricam".

— A civilização está avançando — fala o padre — e ninguém vai conseguir frear isso. Nosso trabalho é preparar o índio para o encontro, não deixando que ele migre para a cidade, porque ali acaba marginalizado. A gente procura fixá-los onde vivem e trazer o progresso até eles. O ideal é que essa integração seja a mais lenta possível.

Padre Eduardo Lagório, também de Pa-

ri-Cachoeira, tem um tipo de ocupação diferente do de padre Norberto. Seu tempo é tomado pelo estudo da cultura indígena, o que lhe valeu um certo isolamento por parte dos outros missionários. Mesmo assim, prefere ficar conversando com o índio, tentando aprender suas lendas e danças.

A música, diz padre Lagório, tem para eles um sentido sagrado, e a dança é entendida como uma manifestação religiosa. Quando cantam colocam-se em círculo, tendo na mão direita um bastão para a marcação do ritmo. A mão esquerda levam ao ombro do companheiro e, depois de quatro ou cinco passos, as mulheres entram na roda, colocam a cabeça no braço do homem e imitam a cobra-canoa.

Padre Lagório precisou fazer oito horas de gravação para entender o sentido exato dessa entidade divina dos índios. Eles acreditam que Deus os trouxe de Belém para a Amazônia, transformando-se para isso numa canoa em forma de cobra. Depois, na altura de Iauareté, eles teriam saído de seu ventre, inicialmente em forma de peixe e, em seguida, tornando-se seres humanos.

Explicações lendárias

Fica também por conta de explicações lendárias o sentimento de inferioridade que os índios Maku têm em relação a outras tribos: consideram-se escravos dos outros e se sentem na obrigação de servi-los. Vivem no interior da mata, sempre a duas horas de caminhada de algum rio, e seguem um método pouco comum para limitar a prole, para que não nasçam outros "infelizes": é comum as mulheres grávidas provocarem o aborto espalhando a barriga.

Os salesianos de Nova Fundação e Iauareté estão tentando desenvolver um trabalho junto aos Makus para livrá-los dessa situação. As mudanças são ainda muito lentas. Continuam até hoje não aceitando filhos gêmeos e, quando aparecem, acabam matando uma das crianças, em geral a menina, quando existe.

Lillam de Jesus passou há um ano por uma dessas terríveis experiências. Nascida gêmea de pais Maku, foi abandonada em uma lata de lixo pela mãe. A avó presenciou a cena e, com pena da criança, decidiu levá-la até a missão de Iauareté. Chegou muito debilitada, faminta, mas hoje é uma bela menina, criada por uma irmã-enfermeira.

No início do trabalho dos salesianos com os Maku, dom Miguel Alagna resolveu fazer-lhes uma visita. Foi em agosto de 78, quando encontrou os índios espalhados e doentes. O bispo impressionou-se também com o fato de eles conhecerem o latim, um pouco deturpado, que usavam em suas ladainhas. Mais tarde entendeu aquilo como uma consequência do contato que tiveram com missionários jesuítas e carmelitas, durante o século 18.

Falar um idioma estrangeiro na Amazônia não é privilégio dos índios Maku. Os Wai-Wai de Mapuera falam o Inglês. A história dessa tribo é muito curiosa. Há pouco menos de 40 anos eles saíram da região onde atualmente se encontram e foram morar na Guiana Inglesa, onde já estavam alguns de seus parentes. Ficaram 30 anos por lá e há sete resolveram voltar ao lugar de origem. Trouxeram a missionária protestante Florence Rledde, que está com eles há 28 anos.

Os Wai-Wai são muito alegres e adoram festas. Agora assimilaram a tradição cristã e comemoram todas as datas religiosas mais importantes: Páscoa, Semana Santa, Finados, etc. Agora mesmo participam de uma

grande caçada, devendo voltar no dia 22. Daí, então, o Natal será festejado fartamente.

— Nossos índios são muito alegres — diz a irmã Florence. Talvez tudo mude quando a civilização chegar. Esse é o meu medo, porque nós, civilizados, só pensamos em correr.

Ao encontro do progresso

Muitos índios preferem ir ao encontro do progresso de Manaus — as estatísticas da Funai e do Cimi — Conselho Indigenista Missionário — apontam 80 mil, mas dom Miguel Alagna acha que eles não são mais do que 13 mil. É o caso de Eduardo Peixoto, tukano de Taracá. Teve mais sorte do que aqueles que ficaram marginalizados, pois conseguiu emprego na propriedade dos salesianos em Manaus. Há três anos está ali, desempenhando as funções de caseiro, jardineiro e guarda, recebendo pelo serviço o salário mínimo regional, "mais salário-família, 13º e outros prêmios".

Agora está de volta a Taracá, de férias, trazido por um avião da FAB. Veste uma camisa de poliéster verde, com etiqueta de preço colada abaixo do colarinho, máscara chicle e seu pensamento está aqui pelo Sul do País. Isso desde que recebeu uma carta de seu amigo de infância Alexandre, contando maravilhas de Curitiba e da fábrica onde trabalha como operário.

Eduardo Peixoto é falante, não gosta de dormir cedo e fica até tarde vendo televisão. É muito dado a pensar sobre as coisas da vida. Quer saber do visitante quando é que uma pessoa sente que está velha. Mas, sem esperar uma resposta, vai logo adiantando suas conclusões:

— Eu sinto que fiquei velho porque era muito feliz na mocidade. E agora deixei de ser.

Sem os aviões da FAB, gente como o tukano Eduardo Peixoto não poderia estar viajando entre Manaus e as missões. Algumas delas ficam a mais de mil km da capital ou a um mês de viagem em barco. No começo havia a limitação da falta de aeroportos e o único meio eram os hidroaviões. Eram usados os Catalina, velhos aviões do tempo de guerra que agora já podem ser quase aposentados.

Anos atrás era impossível imaginar a vida na Amazônia sem os Catalina, conhecidos na região pelo apelido "Pata-Choca". Como levar mantimentos para a selva, ou, como socorrer um doente em estado mais grave para ser medicado em Manaus? Somente com esses aviões, dos quais só restam quatro em operação e que podem ir para um museu ou serem vendidos no primeiro defeito sério que aparecer: é que a Base Aérea de Belém acaba de fazer a última grande revisão em aviões desse tipo, encerrando o ciclo de "Iran" (o nome dessas revisões) em aeronaves Catalina, na FAB.

Esses aviões são remanescentes de uma remessa de 28 comprada pelo Brasil aos Estados Unidos no final da II Guerra. Os Catalina eram aeronaves de patrulha, dotadas de blindagem e até torre de metralhadora. Com o fim dos combates, elas foram enviadas para o exterior e transformadas para o uso no transporte de carga e passageiros. Podem levar até 20 pessoas e são consideradas muito seguras.

Apesar disso, a FAB registra vários acidentes com esses aviões, principalmente por erros de pilotagem — é difícil de ser dirigido, tanto assim que necessita de cinco tripulantes: dois pilotos, dois mecânicos e um rádio telegrafista. Não faz muito tempo, um Cata-

lina caiu no fundo de um rio próximo à localidade de Santo Antonio do Içá. Os escafandristas da Marinha tentaram resgatá-lo, mas não tiveram êxito.

Riscos de acidentes

O risco de acidente aeronáutico na Amazônia não é nada desprezível. Voar, só com luz natural, sabem os pilotos, porque à noite não há a mínima condição de visibilidade na mata. Quem sentiu isso recentemente foi um piloto da FAB: quando seu avião viajava de Japurá para Tabatinga, faltando uma hora para escurecer o dia, cruzou com uma forte chuva. Com isso perdeu tempo e foi obrigado a fazer um pouso de emergência numa pista que estava sendo construída em Ipiranga. Por sorte o piso estava fofo e o trem de pouso foi atolando, o que permitiu uma aterrissagem em 250 m, que se faz em 500 ou 600 m em condições normais. Mesmo assim, o avião parou no fim da pista, na boca de um grande buraco.

Não faltam emoções como essa para os pilotos. Na região de Itapuruaquara, onde também existe uma missão, um avião da FAB foi obrigado a descer em um rio baixo e cheio de pedras. Depois do pouso tumultuado, o avião parou num ponto em que era possível enxergar, na margem, a casa de um dos índios que viajava nele. Esse índio pediu então ao piloto se dava para abrir a porta para ele descer, despertando risos.

Dois anos depois, ainda em Itapuruaquara, um avião partiu e cauda durante um pouso na água. Foi arrastado pela correnteza por um quilômetro, até que uma lancha-socorro conseguiu alcançá-lo e retirar seus ocupantes. Quatro minutos depois, a aeronave afundou no rio e só pôde ser resgatada daí a três meses.

De uns tempos para cá está sendo ampliado o uso de aviões mais modernos na Amazônia: Bandeirantes, Hércules, Búfalo etc. Isso foi possível a partir da construção de uma malha de pistas de avião, de dimensões compatíveis — algumas chegam a ter mais de dois quilômetros de comprimento. Faz parte do esquema oficial de retaguarda a esse trabalho, que inclui ajuda financeira — os salesianos recebem dotações provinciais da Sudam, Funai e Funabem.

Essas pistas têm ainda um sentido estratégico, admitiu o tenente-coronel Francisco Florêncio de Assis, da FAB. No caso de uma eventual ameaça externa de invasão do nosso território, seria possível deslocar rapidamente tropas para a defesa da fronteira.

Numa emergência dessas também entraria em ação o Comando de Fronteira do Solimões, sediado em Tabatinga. Outra missão do Exército nesse lugar, segundo o major Edson Bimbi, é "a preservação dos valores culturais brasileiros". Explica-se: Tabatinga faz divisa com a cidade colombiana de Leticia através de uma rua apenas, a avenida da Amizade.

Por causa da falta de um limite físico entre as duas cidades ocorrem coisas curiosas. Nas boates, o gênero musical é ora a Kumbia colombiana, ora o samba brasileiro. Fala-se muito o português. Já exportamos para os vizinhos expressões como "sufoco" e "malandro" e, em troca, pegamos deles a palavra "avioneta" para chamar um hidroavião. O mais importante é que não há postos de gasolina em Tabatinga: todo mundo vai abastecer seus carros em Leticia, pela pechincha de Cr\$ 24,00 por litro de gasolina.